



## A CONSTRUÇÃO DO EDUCAMPO NA ESCOLA PÉROLA EM JI-PARANÁ, RONDÔNIA<sup>1</sup>

Maria Dayane Vilarim Felipe<sup>2</sup>  
Renata da Silva Nobrega<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo discute o processo de construção do Educampo na Escola Pérola, em Ji-Paraná, Rondônia, uma das escolas piloto deste projeto, que visa inserir a Pedagogia da Alternância nas escolas do campo da rede municipal de ensino, rompendo com a tradição da Educação Rural. A pesquisa realizada teve como objetivo elaborar um histórico do Educampo, dedicando atenção ao caso da Escola Pérola, buscando conhecer a percepção da comunidade escolar sobre o processo de construção desta nova proposta pedagógica, incluindo aí as implicações para a vida das famílias camponesas no entorno da escola. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, orientada pela observação participante, com o acompanhamento de atividades vinculadas ao Educampo, à realização de entrevistas semiestruturadas com diversos sujeitos envolvidos na construção do Educampo na escola Pérola. Também foi realizada uma pesquisa documental para traçar o percurso histórico do Educampo. O artigo apresenta um balanço das observações feitas no decorrer de toda a pesquisa, que possibilitou conhecer mais de perto os desafios implicados em uma proposta pedagógica que se inspira e dialoga com a concepção de Educação do Campo que defendemos, sendo uma política pública que se caracteriza como uma alternativa concreta ao fechamento das escolas do campo.

**Palavras-chave:** Educação do Campo. Pedagogia da Alternância. Escola do Campo.

### INTRODUÇÃO

Em todo Brasil, o fechamento das escolas do campo<sup>4</sup> tem sido fonte de preocupação para estudantes e suas famílias e também para os movimentos sociais do campo<sup>5</sup>, materializada

---

<sup>1</sup>Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

<sup>2</sup>Graduanda do curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: dayanevilarim39@gmail.com

<sup>3</sup> Professora do curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: renatanobrega@unir.br

<sup>4</sup> O Decreto 7352/2010 define escola do campo como “aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo”. (BRASIL, 2010).

<sup>5</sup>Mais à frente, voltarei a discutir a concepção de Educação do Campo que orienta a perspectiva aqui adotada. Neste momento, destaco o protagonismo dos movimentos sociais do campo na luta pela Educação do Campo. Para Roseli Caldart, a Educação do Campo “constitui-se como luta social pelo acesso dos trabalhadores do campo à

no lema da Campanha “Fechar Escola é Crime”, lançada pelo Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em 2011. Nos dez anos que antecederam o Censo Escolar 2013, aconteceu uma redução de 31,4% das escolas do campo (INEP, 2014). Em Rondônia, entre 2003 e 2012, pelo menos 1150 escolas do campo foram fechadas. As que resistiram passaram pelo processo de nucleação e polarização, o que trouxe, como uma das consequências, longas distâncias percorridas pelos estudantes para chegar até a sala de aula, muitas vezes em condições precárias de transporte (SOUZA, 2010).

Além destas dificuldades, a Educação do Campo em Rondônia ainda enfrenta a ameaça da substituição de professores por televisores por meio do Projeto de Ensino Médio com Mediação Tecnológica (EMMTEC), proposto pelo Governo do Estado, iniciado em 2016, tendo como alvo preferencial as escolas do campo (GERMANO, 2017; POSSAMAI, 2018). O EMMTEC contraria a concepção de Educação do Campo defendida e construída pelos movimentos sociais nos últimos vinte anos, pautada pela aproximação dos conteúdos escolares com a vida e as práticas cotidianas dos estudantes. Uma das justificativas da implementação da EMMTEC é a oferta de um ensino padrão, com aulas transmitidas a partir de um auditório em Porto Velho para todas as salas de aula atendidas no estado. Os estudantes das escolas do campo, assim como os indígenas, têm acesso a um conteúdo que não condiz com sua realidade específica.<sup>6</sup>

Na contramão desta tendência, a Prefeitura Municipal de Ji-Paraná, na região central do estado, tem executado o Educampo, uma iniciativa direcionada às escolas da rede municipal de ensino situadas em áreas rurais, tendo por objetivo a implantação gradativa da Pedagogia da Alternância na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Segundo a equipe da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), a intenção do Educampo é “desenvolver uma educação de qualidade, que respeite a identidade camponesa, com um currículo e uma metodologia que valorizem os saberes e atendam às especificidades das pessoas que vivem no e do campo” (PEREIRA *et al*, 2017, p. 367). Para isso, utilizam os chamados “Instrumentos Pedagógicos da

---

educação (e não a qualquer educação), feita por eles mesmos e não apenas em seu nome. A Educação do Campo não é para, nem apenas com, mas sim, dos camponeses, expressão legítima de uma pedagogia do oprimido.” (CALDART, 2012, p. 263)

<sup>6</sup> Para agravar a situação, observações realizadas por estudantes da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), no ano de 2016, denunciaram que nem sempre essas aulas são expostas em tempo real. Por causa das dificuldades técnicas do projeto, as aulas muitas vezes são copiadas em um *pen drive*, interferindo diretamente no conhecimento que os estudantes trazem da própria cultura familiar e da comunidade. A televisão entra no lugar do professor, que deixa de ter papel importante no processo de aprendizagem dos estudantes. Se a Educação do Campo se baseia na construção de currículo e conteúdos voltados para a prática cotidiana das famílias e comunidades camponesas, como uma criança vai aprender a trabalhar técnicas agrícolas através de uma televisão? Ainda será necessário investigar as consequências de negar o contato físico e a interação entre crianças e adolescentes e seus educadores, algo tão fundamental para a produção de conhecimento.

Alternância”, que consistem no Plano de Estudo, Caderno de Acompanhamento ou de Vivência, Pasta da Realidade, Visitas Pedagógicas, Visita às Famílias e Auto-Organização, entre outras atividades. A prefeitura tem destinado recursos para a recuperação da estrutura física das escolas e investido nas formações do corpo docente para trabalharem com a nova forma de educar nas escolas do campo.

Neste artigo, me proponho refletir sobre o processo de construção do Educampo na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Pérola (EMEFM Pérola), em Ji-Paraná. A escolha desta escola se justifica porque a Pérola e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Bárbara Heliodora foram as primeiras a receber o Educampo em 2016, consistindo em experiências piloto desta proposta inovadora para a Educação Básica do Campo. Ao longo da pesquisa, que resultou neste artigo, tracei como objetivos específicos conhecer como se deu o processo de negociação para levar o Educampo para a Pérola e identificar a percepção da comunidade escolar sobre como o Educampo vem sendo incorporado ao seu cotidiano, incluindo aí as implicações para a vida das famílias camponesas no entorno da escola.

Para alcançar estes objetivos, realizei uma pesquisa qualitativa orientada pela observação participante, definida por Carlos Rodrigues Brandão como aquela em que há envolvimento da pesquisadora com o que se pesquisa (BRANDÃO, 1999, p. 12). Meu envolvimento com esta pesquisa se dá em pelo menos duas dimensões, que são interligadas: a dimensão política e a dimensão metodológica. Desde 2009, milito na Juventude do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Ji-Paraná (STTR Ji-Paraná), ligado à Federação dos Trabalhadores na Agricultura em Rondônia (FETAGRO). Foi esta ligação que me trouxe até o curso de Licenciatura em Educação do Campo da UNIR. A escolha do tema desta pesquisa se deu primeiramente pelo compromisso político que eu e minha organização temos em defesa da Educação do Campo. Acredito que conhecer mais sobre como vem se dando a construção do Educampo na Escola Pérola é uma forma de fortalecer a Educação do Campo, evitar o fechamento das escolas<sup>7</sup> e dar valor à identidade camponesa em um lugar marcado pela cultura do agronegócio, como é Ji-Paraná.

Conheci a proposta do Educampo durante o II Seminário Integrador da Licenciatura em Educação do Campo da UNIR Rolim de Moura, realizado em setembro de 2016. Naquela

---

<sup>7</sup> É o caso da escola em que estudei, localizada na Linha 86 de Ji-Paraná, e que corre o risco de ser fechada devido a pouca quantidade de estudantes. O Ensino Médio já foi retirado da escola e, logo depois, começou-se a falar de um possível fechamento. A nova diretora se interessou pelo Projeto Educampo e agora está para receber o projeto. Quando estudei lá, a escola tinha poucos métodos de ensino que se ligassem à vida dos estudantes. O ensino era uma reprodução do conhecimento urbano e os professores, além de tudo, ainda nos incentivavam a sair do campo para ir morar na cidade.

ocasião, parte da equipe da SEMED apresentou a experiência das primeiras escolas que aderiram ao Educampo. Como moradora de Ji-Paraná e militante do STTR, me interessei pela proposta e, desde então, tenho me aproximado para conhecer mais sobre o Educampo. Em 2017 e 2018, tive a oportunidade de participar do V e VI Seminário de Educação do Campo promovido pela SEMED de Ji-Paraná, momentos em que conheci educadores e educadoras, pais e mães e estudantes das escolas atendidas pelo Educampo. Quando defini o recorte da pesquisa sobre a construção do Educampo na escola Pérola, muitos já me conheciam. O contato com a escola aumentou a partir do segundo semestre de 2018, com o início das atividades do projeto de extensão “Educação do Campo: construções e percepções político-pedagógicas em Ji-Paraná/RO”, do qual fui bolsista.<sup>8</sup> Entre agosto e dezembro de 2018, também realizei ali o Estágio Docente II nas turmas dos 6º, 7º, 8º, 9º anos do Ensino Fundamental, nas disciplinas de História e Geografia. O projeto de extensão e o estágio tornaram-se oportunidades de conhecer mais sobre como o Educampo vem acontecendo na Pérola. Nestes diferentes espaços e momentos da pesquisa, além da observação, realizei entrevistas semi-estruturadas com educadores e educadoras e familiares de estudantes da Escola Pérola, bem como gestores da SEMED Ji-Paraná diretamente envolvidos na execução do Educampo.

A primeira parte do artigo apresenta um histórico do Educampo em Ji-Paraná. Na sequência, o artigo discute como sua construção tem sido percebida na Escola Pérola.

## **1 O EDUCAMPO**

Os trabalhos que deram origem ao Educampo começaram em 2013. Para isso foi importante a presença da professora Leiva Custódio na Secretaria Municipal de Educação. Por conhecer a forma que era praticada a educação nas escolas do campo e também conhecer outras experiências positivas, como a Escola Família Agrícola Itapirema (EFA Itapirema), ela sonhou com outro jeito de educar nessas escolas:

Eu nasci aqui em Ji-Paraná, então eu acompanhei o processo de nucleação. Fechamos muitas escolas multisseriadas. Acompanhei o processo de polarização. Eu tive a oportunidade de acompanhar em outros municípios no processo de fechamento das escolas do campo e a política do transporte escolar. No momento que eu assumi a Secretaria, eu, por uma questão ideológica, pela vivência que eu tive no campo, estudando no campo [...].Eu não gostaria, na minha gestão, de fechar nenhuma escola. Mas, ao mesmo tempo, eu sabia que não era possível nós continuarmos com o mesmo modelo, a mesma proposta, o mesmo programa de ensino que trabalhava aqui na área

---

<sup>8</sup> O projeto é coordenado pela Professora Isaura Isabel Conte, do curso de Pedagogia da UNIR Ji-Paraná. Tem por objetivo fortalecer as ações do Projeto Educampo na formação de professores, visando ampliar o Projeto para outras unidades escolares, conforme demandado pela SEMED.

urbana, o que era feito na época. Você pegava os conteúdos... A mesma coisa da área urbana na área rural. Todas as escolas eram as mesmas estruturas administrativas, recurso igualzinho e sabemos que não era isso, trabalhar dessa forma. Aí eu convidei algumas pessoas para me ajudar a pensar alguma coisa diferente, que estudasse um pouquinho as diretrizes da Educação do campo para ver o que conseguiríamos fazer (CUSTÓDIO, 2019).

Uma das pessoas convidadas para a equipe foi Renato Ebersson, técnico da SEMED, egresso do curso de Pedagogia da Terra da UNIR, tendo sido estudante e educador em Escolas Família Agrícola em diferentes municípios de Rondônia e também coordenador pedagógico da Associação das Escolas Família Agrícola de Rondônia (AEFARO). Atualmente, Renato compõe a Coordenadoria de Educação do Campo. Em entrevista, ele contou os primeiros passos do Educampo, cuja raiz está vinculada à troca de experiências com a EFA Itapirema de Ji-Paraná:

Eu considero que eu iniciei no Educampo quando a secretária nos solicitou que a gente fizesse algum rascunho, esboço, de como começar alguma proposta de Educação do Campo. Essa primeira conversa de fazer um primeiro rascunho de uma proposta de Educação do Campo para Ji-Paraná se baseava numa aproximação dos professores das escolas do campo em Ji-Paraná com a EFA Itapirema. Escrevemos um projeto tentando encontrar uma fórmula de aproximar, fazer visitas de estudos... As famílias fazendo alguns trabalhos, envolvendo alunos e professores das EFAs numa discussão para tentar conhecer e fundamentar a Educação do Campo e os instrumentos pedagógicos. Esse trabalho foi no início de 2013. Depois efetivamente trabalhando e discutindo a proposta da Educação do Campo, aí eu comecei a participar dos seminários e discutir algumas estratégias para serem implantadas. Então mesmo que a gente tivesse ciência de que a Pedagogia de Alternância guardava os fundamentos e os elementos principais para se trabalhar a Educação do campo nas escolas urbanas, nós não tínhamos uma estratégia administrativa organizacional que comportasse essa proposta. Mas pedagogicamente a gente já tinha os projetos de como fundamentar, que seria a Pedagogia da Alternância, mais ou menos nos moldes dos instrumentos pedagógicos que trabalhava a Educação do Campo nas Escolas Família Agrícola (EBERSON, 2019).

Com a equipe montada e o “desejo de fazer uma coisa diferente”, como disse a secretária, era hora de mobilizar a sociedade. Uma das estratégias foi a realização de seminários de Educação do Campo, que acabaram se consolidando como um momento de debates sobre a temática no município. De 31 de outubro a 1º de novembro de 2013, a SEMED organizou o I Seminário Municipal de Educação do Campo de Ji-Paraná, com o lema “Semeando sonhos... Cultivando direitos”, realizado na EFA Itapirema. No discurso de abertura, Leiva Custódio anunciou a intenção em priorizar as escolas do campo, valorizando os sujeitos do campo:

Durante muito tempo a educação do campo foi esquecida. A educação do campo é uma modalidade de ensino específica, deveria ter uma visibilidade tanto quanto a Educação Especial e a Educação de Jovens e Adultos. Mas o que nós temos feito hoje no nosso sistema de ensino é apenas transferir para o campo aquilo que nós aplicamos na cidade. Em termos acadêmicos, nós temos alunos e professores no campo tão bom

quantos alunos e professores da cidade. Portanto não se trata só de conhecimento acadêmico, mas da concepção de ‘campo’. Trata-se do entendimento da importância dessa pessoa que vive no campo e da importância daquilo que ele produz. Eu penso que uma proposta de educação do campo vai além da metodologia. Ela não precisa ser necessariamente de alternância, ela precisa ser uma proposta concreta, que coloque no centro dos nossos conteúdos o campo.<sup>9</sup>

Em entrevista, a Secretária de Educação contou que o objetivo do Seminário era “pragmático, gente dizer e compreender e ter certeza que as pessoas não queriam aquele modelo de educação, embora não sabíamos o que queríamos, onde nós íamos chegar. Nós sabíamos que não era daquele jeito que queríamos fazer.” No Seminário, foi constituída uma Comissão de Articulação da Educação do Campo em Ji-Paraná, formada por pais, mães e educadores e educadoras, que teria a tarefa de analisar as propostas pedagógicas sugeridas pelos participantes. Reunida no dia 12 de novembro, a comissão discutiu também a inserção da Educação do Campo no Plano Municipal de Educação<sup>10</sup>, que estava em elaboração.

No ano seguinte, a EFA Itapirema sediou o II Seminário, que teve como lema “A educação que queremos para o campo, o campo que queremos para a educação”. Realizado em 21 e 22 de agosto, na EFA Itapirema, o Seminário contou com diversas palestras sobre Educação do Campo, finalizando com a apresentação e avaliação dos trabalhos da Comissão de Articulação da Educação do Campo, que foi recomposta. Dentre os avanços apresentados, a SEMED destacou “a flexibilização do calendário escolar das unidades de ensino da área rural, respeitando as particularidades de cada região, e a formação de uma comissão para fiscalizar e avaliar o transporte escolar da Rede de Ensino Municipal na área rural” (SEMED..., 2014).<sup>11</sup>

Ao mesmo tempo em que centravam forças na construção da proposta pedagógica e nas adequações necessárias, outra frente de atuação da Secretaria era a disputa por recursos para garantir novos investimentos nas escolas do campo, muitas das quais estavam em situação precária, como era o caso da própria Pérola:

Quem conheceu a Pérola em 2013 e for lá hoje, vai ver outra realidade. É só ver as fotografias da escola antigamente. Chovia todinha dentro, tava caindo a escola. O que fizemos lá na Pérola foi todo um trabalho de reestruturação da escola. Antigamente a diretora da Pérola atendia dentro de um depósito. Não tinha nenhum espaço dentro da escola, então nós fizemos um trabalho de ampliação. Na época eu recebi críticas porque que eu tava investindo quase seiscentos mil reais em uma escola que não tinha

<sup>9</sup>Disponível em <http://semedjipa.blogspot.com/2013/10/seminario-discute-alternativas.html> Consultado em 13 de março de 2019.

<sup>10</sup>No Plano Municipal de Educação de Ji-Paraná (Lei 2838 de 3 de julho de 2015), a Educação do Campo é tratada em termos da responsabilidade administrativa (Estado/Município), transporte escolar, currículo, formação docente e material didático. Disponível em: <http://www.domjp.com.br/pdf/2015-07-06.pdf> Consultado em 13 de março de 2019.

<sup>11</sup>Disponível em <http://semedjipa.blogspot.com/2014/08/semed-promove-ii-seminario-de-educacao.html> Consultado em 13 de março de 2019.

na época com alunos. Então, como gestora, você também tem que ter suas justificativas e eu compreendi que aquela comunidade merecia sim estudar em melhores condições. Tinha um problema seríssimo com água, um bloco de madeira que tinha lá, a fiação exposta[...] Muito ruim! Começamos com os estudos e começamos a modificar a estrutura das escolas. O mínimo que a gente tinha que ter era uma escola mais aconchegante. Nós pensamos em construir horta. Até então nenhuma escola nossa tinha horta, começamos a fazer esse trabalho de reestruturação física das escolas. Mexemos também em algumas mudanças do corpo docente [...] Alguns professores que a gente compreendia que não estavam prontos ainda para implantação do projeto [...] Mudanças de gestão [...] Tivemos que fazer algumas alterações para que conseguíssemos a implantação do projeto (CUSTÓDIO, 2019).

No III Seminário, sediado na EFA Itapirema, em 20 e 21 de agosto de 2015, houve um salto qualitativo. As mudanças já eram perceptíveis em algumas escolas. A presença do Secretário Municipal de Educação e do gerente de Educação do Campo de São Mateus<sup>12</sup>, município pioneiro na adoção da Pedagogia da Alternância na rede pública, animou os participantes para que o passo seguinte fosse dado. Quando a secretária perguntou se havia escolas interessadas em participar do projeto, como uma experiência piloto, a Pérola e a Bárbara Heliadora, escolas que estavam ameaçadas de fechamento pelo baixo número de matrículas, se manifestaram. Uma professora da Peróla relembra o episódio:

No Seminário de Educação do Campo na EFA, a Leiva falou que tinha planos de engajar duas escolas no projeto, de passar da teoria para a prática e ela queria saber que escolas prontificaria. Naquele momento a minha diretora se prontificou e o diretor da Bárbara também. Naquele momento que ela se prontificou, a gente viu que a gente ia entrar no projeto. Seríamos as primeiras escolas a trabalhar o projeto e foi assim que ficamos sabendo (EDUCADORA 1, 2019).

Como saldo do Seminário, uma aproximação com a experiência do Espírito Santo resultou em um termo de cooperação técnica firmado com a Prefeitura Municipal de São Mateus, que passou a assessorar a construção da proposta ji-paranaense. Depois disso, segundo Thaise Costa, o Gerente de Educação do Campo de São Mateus foi convidado para fazer a apresentação formal da proposta pedagógica do Educampo para as equipes gestoras das escolas (COSTA, 2017, p.35). Para garantir o início do projeto nas duas escolas, a SEMED obteve autorização do Conselho Municipal de Educação (CME) para executar um projeto experimental por um ano.<sup>13</sup> Além de estabelecer uma rotina de formação, com os encontros e seminários de Educação do Campo, o passo seguinte foi garantir que a estrutura administrativa e jurídica se adequassem à nova proposta:

<sup>12</sup>A aproximação entre Ji-Paraná e Espírito Santo se explica pelo conhecimento travado entre os gestores da Educação por meio do Instituto Ayrton Senna.

<sup>13</sup>O Educampo foi homologado de forma definitiva pelo CME em 5 de dezembro de 2016, conforme a Resolução 076/2016-CME/PMJP/RO, de 10 de novembro de 2016.

Não tinha nada específico para o campo. Eu alterei a estrutura organizativa na Secretaria de Educação. Não existia! Aqui funciona assim: tem Superintendência, Gerência e Coordenação. Não tinha nada relacionado à Educação do Campo, então eu fiz uma mudança na estrutura. Criei uma Coordenação de Educação do Campo. Eu quero pessoas pensando isso dentro da Secretaria. Com isso a gente teve que mudar a lei (CUSTÓDIO, 2019).

Na sequência, a minuta do projeto de lei do Educampo foi enviada à Câmara de Vereadores a fim de assegurar sua continuidade, no caso de mudanças de governo:

Essa é uma política que não pode ser um projeto da gestão da Leiva. Temos que ter uma política para quando eu sair o projeto continue se fortalecendo. Achamos melhor enviar uma lei para Câmara porque se não ia ficar ao gosto do gestor que vai me substituir futuramente. Quando ela chegou à Câmara, não tivemos nenhuma resistência. Não é uma lei que obriga as escolas a pertencer ao projeto<sup>14</sup>. A lei é clara que é um projeto gradativo, então primeiro é feito um trabalho na própria comunidade. A própria lei já disse que a comunidade tem que aceitar essa mudança porque no Educampo a participação da família é fundamental no processo. Então as comunidades precisam se reunir e dizer: “eu desejo... eu quero que aconteça a nossa comunidade” e depois a secretaria ajuda no processo. (CUSTÓDIO, 2019).

O Educampo foi regulamentado por meio da Lei Municipal n.º 2957, de 30 de junho de 2016, que define a Pedagogia da Alternância como metodologia preferencial para as escolas do campo da rede municipal de ensino. A lei garante ainda reordenamentos administrativos, de infraestrutura e pedagógicos, incluindo calendário específico, tempo educativo próprio e mudanças que forem necessárias à alimentação e transporte escolar, além de prever a contratação de técnico agropecuário.

O início do Educampo na Pérola e na Bárbara Heliadora foi anterior à aprovação da lei. A assinatura do termo de compromisso das duas escolas com o Educampo aconteceu no dia 15 de fevereiro de 2016, durante a semana de planejamento pedagógico da SEMED (ESCOLAS OFICIALIZAM..., 2016)<sup>15</sup> Em maio daquele ano, uma equipe composta por um professor da Escola Pérola, uma professora da Escola Bárbara e dois integrantes da equipe gestora do Educampo fizeram um intercâmbio em São Mateus, conhecendo as experiências em alternância nas escolas do campo do município. Esta viagem é apontada como um dos marcos do projeto, por ter contribuído para a compreensão da viabilidade prática do Educampo.

<sup>14</sup> Na previsão legal, a adesão ao Educampo se dá com a manifestação de interesse da escola por meio de um ofício à SEMED, acompanhada de uma ata em que a comunidade escolar registra sua anuência. A partir daí a Coordenadoria de Educação do Campo e a Comissão de Implantação do Projeto Educampo devem iniciar uma aproximação com a comunidade escolar, incluindo a mobilização das famílias, a formação docente e a promoção de intercâmbios com as escolas que já têm o projeto em andamento, para depois colocar em prática a proposta.

<sup>15</sup> Disponível em <http://semedjipa.blogspot.com/2016/02/escola-oficializam-adesao-ao-projeto.html> Consultado em 13 de março de 2019.



Desde então, outros três seminários municipais de Educação do Campo foram realizados,<sup>16</sup> tornando-se um importante momento de formação e debate das questões que envolvem a Educação do Campo. Em 2017, as escolas Nova Aliança e Edson Lopes aderiram ao projeto. De 2018 para 2019, tiveram início as assembleias com as comunidades e as primeiras tentativas da construção da auto-organização nas escolas Irineu Dresch e Paulo Freire ainda estão em processo de construção. Atualmente, o Educampo atende seis escolas do campo da rede municipal de ensino de Ji-Paraná, tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental. Já existem outras escolas interessadas em participar do projeto, que tem sido percebido como uma alternativa à ameaça de fechamento das escolas do campo.

Em 2017 e 2018, tive a oportunidade de participar, enquanto estudante da Licenciatura em Educação do Campo da UNIR, do V e VI Seminário de Educação do Campo promovido pela SEMED Ji-Paraná. O último seminário contou com a participação de familiares dos estudantes atendidos pelo Educampo. Nos momentos de debate, pais, mães, estudantes e educadores se alternavam em falas positivas a respeito do projeto, destacando as mudanças que percebiam em casa e na escola. A mãe de uma estudante da Escola Pérola, uma das pioneiras em receber o projeto, avaliou a importância do Educampo:

O projeto para mim como mãe é muito bom, pois ele ensina a criança e o adolescente a viver em sociedade e conhecer coisas novas. Na minha época, não tive essa oportunidade de conhecer e hoje eu vejo meu filho conhecendo... Pra mim é muito bom. É estar preparado para viver em sociedade e também cuidar do meio ambiente... Pra mim estamos sendo vitoriosos no projeto. Com a estadia<sup>17</sup> os professores, eles sabem como foi o final de semana dos alunos. Muita das vezes, tá lá na escola com dificuldade, mas eles não sabem da vivência da criança. Isso pra mim é muito importante (MÃE, 2018)<sup>18</sup>.

Diante de um cenário bastante negativo para a Educação do Campo, em que escolas são fechadas por serem consideradas apenas gasto para o município, e mesmo para a Educação como um todo, com a desvalorização dos professores e o desinteresse da família pela escola, o Educampo tem sido percebido como uma alternativa para dar mais vida às escolas do campo

---

<sup>16</sup> Ocorreu no dia 9 e 10 de Agosto de 2016, na Escola Ulisses Matosinho, o IV Seminário; o V Seminário aconteceu nos dias 8 e 9 de Agosto de 2017 e, o VI, no dia 18 e 19 de Setembro 2018. Os Seminários aconteceram no Centro de treinamento da EMATER (CENTRER).

<sup>17</sup> É a ligação da escola e comunidade tendo como base a teoria e a prática da sua vivência de aprendizado.

<sup>18</sup> Transcrição de gravação realizada em 19 de outubro de 2018, durante o VI Seminário de Educação do Campo de Ji-Paraná, realizado em Ouro Preto do Oeste.

em Ji-Paraná. Na “*capital do agronegócio*”<sup>19</sup>, esta iniciativa do poder público municipal oferece esperança para quem não quer “*sair do campo pra poder ir pra escola*”<sup>20</sup>.

## 2 A ESCOLA PÉROLA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Pérola está localizada na Linha 98, KM 47, Gleba 2, Lote 29 do Setor Riachuelo, a cerca de 50 km do núcleo urbano do município de Ji-Paraná. A escola fica quase no final da linha. Cerca de 20 a 30 quilômetros à frente está o limite do município de Rondolândia, no Mato Grosso. No entorno da escola, sobressai a produção agropecuária, com destaque para o gado e o café.

**Figura 1:** Entrada da escola Pérola



Fonte: Autora, 2019

A Escola foi criada em 1981 pelo Decreto 1242/81, sendo inicialmente nomeada de Escola Multigraduada Pérola e, depois, de Escola Multisseriada de Ensino Fundamental Pérola. Tem uma área total de 6400m<sup>2</sup>. Ao chegarmos à escola, nos deparamos com o muro e com um portão pintados na cor azul. Já no seu interior, observamos um canteiro de flores diversificadas de cada lado do portão de entrada, estando ligadas aos muros. Há um corredor que dá acesso ao pátio. De um lado, há a sala dos professores, do outro, a supervisão, direção, secretaria, almoxarifado, cantina, cozinha e sala de vídeo. Entre esses espaços há uma mesa de pingue pongue onde as crianças brincam. Logo abaixo, fica a sala do Ensino Fundamental I. Ao fundo dessa sala, há um corredor que dá acesso a uma horta e a um campo de futebol. Mais adiante, há um banheiro masculino e outro feminino, a sala do Ensino Fundamental II e do Ensino

<sup>19</sup> Durante o Rondônia Rural Show 2018, realizado em Ji-Paraná, placas espalhadas em diferentes pontos da cidade a identificavam como a Capital do Agronegócio.

<sup>20</sup> Trecho da canção de Gilvan Santos, “Não vou sair do campo pra poder ir pra escola”, um hino da Educação do Campo.

Médio. À frente, há algumas salas de madeira onde fica a biblioteca e outras turmas do Fundamental II e Médio. Há bastantes árvores e um espaço de convivência com uma mesa.

## 2.1 Educampo na Pérola

A participação da Escola Pérola e da Bárbara Heliodora no Educampo não se deu por acaso. As escolas enfrentavam a ameaça de fechamento por causa do baixo número de matrículas.<sup>21</sup> Um dos pais que representava a Associação de Pais e Professores (APP) da Pérola, no III Seminário de Educação do Campo, lembrou o contexto de quando a escola decidiu participar do projeto:

Tínhamos uma dificuldade muito grande. Via Secretaria, eles tinham um projeto de fechar a escola Pérola. Aí tivemos o seminário na EFA, há uns três ou quatro anos atrás. Eu achei um projeto bom, que foi passado lá no seminário, só que eu imaginei que ia chegar à escola Pérola por último, porque recebíamos as coisas depois dos outros por causa das dificuldades. Mas a secretaria colocou a escola para receber primeiro. No início tivemos a reunião que estava presente uns dez pais. Eu era um destes, e tínhamos que pegar ou largar. Se não tivesse pegado pode ser que a escola estivesse fechada hoje. Eu já achava o projeto bom e quando foi para a escola eu aconselhei as pessoas que estava lá que teria que conhecer bem, pois era muita responsabilidade, porque teríamos que tomar uma decisão pelos quarenta pais que não estava presente (PAI, 2019).

Participar do projeto foi o modo encontrado pela comunidade de resistir à ameaça de fechamento da escola. Mesmo se propondo a receber o projeto, alguns pais duvidavam que o projeto de fato acontecesse ali, por causa do histórico de descaso do poder público com a escola. Na pesquisa, percebi que o Educampo é consequência da luta da comunidade, que já era fortalecida antes do projeto chegar, enfrentando muitas lutas para a escola continuar aberta. Uma delas foi contra o fechamento do Ensino Médio, como queria o governo do Estado:

Na época, o Estado retirou o Ensino Médio. Nós íamos gastar muito mais com o transporte escolar pra trazer eles para outro lugar. E na época eles se recusaram e foram no Ministério Público, entraram com uma ação judicial e os meninos ficaram sem estudar até mais ou menos abril. Eles alegavam que era caro e que tinha poucas crianças, sendo que o transporte escolar era muito mais caro do que você pagar o professor para estar na escola. Enfim, eles resistiram. Por isso que eles são uma comunidade que eu tenho maior respeito. Eles não aceitaram, então em abril o Estado reabriu, porque perderam em segunda instância, então teve que reabrir o Ensino Médio lá na comunidade, e permanece até hoje (CUSTÓDIO, 2019).

---

<sup>21</sup> Em entrevista, a Secretaria de Educação contou que “A Pérola e a Bárbara foram as primeiras escolas que começamos esse trabalho. Elas não foram escolhidas à toa. Elas foram escolhidas, porque eram escolas que estavam para ser fechadas”.

Em uma entrevistada realizada com uma mãe, ela relata como é a união dos pais da escola Pérola.

Eu vejo os pais aqui da Pérola como pais muitos guerreiros. São bem presentes, mas, isso não vem de hoje do projeto, mas sim há muito tempo. Por ser uma escola no final de linha, são poucos alunos. Mesmo sendo no final da linha, tem alunos que passa horas e horas para chegar à escola. Uma escola mais próxima da gente que é a Irineu Dresch, qual seria o percurso que essas crianças iam ter que fazer nessas estradas ruins? Para você ter ideia, dessa escola aqui até chegar na 128, tem treze pontes. Eu sei se fecha uma escola dessas, para o município ou para o governo, essa escola está como um gasto, mas a gente não pode olhar assim. A gente tem que olhar como um ser humano, o aluno em si e não o gasto que ele está dando. Na estrutura que está aqui, enquanto tiver um aluno, a escola tem que funcionar e os pais lutam por isso. O ano passado foi tentado tirar uma linha de ônibus. Os pais se reuniram. Tinha tanto pai que nunca tinha se visto uma reunião com tantos pais para lutar para o ônibus voltar e o ônibus voltou. Essa união dos pais que faz com que a escola permaneça. A gente como pais temos que lutar pelo direito de cada um dos alunos (MÃE, 2019).

A união dos pais, relatada pela mãe, é que faz a Pérola ser uma “comunidade diferenciada”, como disse a secretária Leiva. Para discutir como se dá o Educampo na Pérola, vou apresentar impressões sobre alguns dos instrumentos de alternância que acompanhei ao longo da pesquisa.

### 3 INSTRUMENTOS DA ALTERNÂNCIA

De acordo com Renato, a finalidade dos instrumentos de alternância adotados pelo Educampo é “gerar uma contextualização de conhecimento, gerar uma aproximação na comunicação mais eficiente com a família e oportunizar ao aluno e à família serem protagonistas de ensino e aprendizado”. Com a possibilidade de adotar um calendário específico, a organização pedagógica do Educampo gira em torno da dinâmica entre a **sessão**, “desenvolvida no âmbito do ambiente escolar e outros espaços educativos por meio de atividades de natureza pedagógica”; e a **estadia**, “desenvolvida no meio familiar e comunitário do estudante, abrangendo atividades de pesquisa, de experimentação e outras de natureza pedagógica, as quais devem ser acompanhadas e avaliadas por meio de instrumento pedagógico específico” (PREFEITURA MUNICIPAL DE JI-PARANÁ, 2016).<sup>22</sup> A monografia de Thaise Costa apresenta um resumo de como isso acontece na prática:

A escola Pérola atende atualmente os alunos na Sessão-Escola durante todas as segundas e terças-feiras, sendo que nas segundas permanecem os alunos do 6º ao 9º e

<sup>22</sup> Lei 2957, de 30 de junho de 2016. Disponível em <http://www.domjp.com.br/pdf/2016-07-01.pdf> Consultada em 16 de maio de 2019.

nas terças-feiras as turmas de 1º ao 5º ano, nos demais dias, ou seja, quarta e quinta-feira o período equivale a carga horária de 4 horas, e na sexta-feira os alunos não vão à escola, o que não os deixa ociosos, pois todos levam atividades avaliativas para realizarem com as famílias.[...] As atividades que o aluno desenvolve com a família ou comunidade é chamada de Estadia Letiva, essas devem ser realizadas por ele e logo registradas no seu diário de classe, as atividades vêm sob orientação do professor, porém ficam a cargo, responsabilidade e consciência do aluno em fazê-la ou não, colocando a família em conhecimento do dever ou não, diante da falta com a atividade seguida de reincidência, a Escola procura a família do aluno para conhecimento de causa e orientação (COSTA, 2017, p. 22-23).

Pude presenciar alguns destes encontros da sexta-feira durante o estágio e também nas atividades do projeto de extensão. No dia-a-dia da Pérola, observei o uso dos instrumentos da alternância. Um dos principais instrumentos é a auto-organização. Em diferentes momentos de formação dos professores, a equipe da SEMED repetiu que a auto-organização é a primeira a ser colocado em andamento dentro da escola. Em primeiro lugar, tem início com uma reunião com os pais para explicar como o Educampo vai funcionar, como é a auto-organização. Na auto-organização, as crianças lavam seus pratos, ajudam a servir os colegas no refeitório, organizam as salas de aulas e têm todo um cuidado com o pátio:

As equipes são selecionadas com a finalidade de manter o espaço escolar limpo, o pátio, o refeitório, jardins, horta etc., através de comissões formadas, o aluno pode escolher em qual deste ele deseja fazer parte, consciente de que não deixará de trabalhar em todas as áreas de atividades propostas nas escalas (COSTA, 2017, p. 27).

Ouvi de alguns professores de outras escolas que nessas conversas iniciais, às vezes, há pais que são contra o filho ter que lavar o próprio prato, considerando que isso é dever do funcionário da escola. Na Pérola, pelos relatos, não teve nem uma rejeição para realização da auto-organização por parte dos pais. Eles gostaram da ideia e elogiam que os filhos mudaram dentro de casa:

Essa foi uma das grandes que achei do projeto. Tem pais que acha que o projeto é simplesmente para colocar o filho para trabalhar, mas não. O projeto é uma educação no todo. O espaço é aberto para que a criança tenha o seu dia de estar fazendo os afazeres dentro da escola, e na escola tem o momento de trabalho. Um aluno dentro da escola, ele pode ser quem for, se chegar o dia dele de servir, cuidando da mesa que os alunos tomam o lanche[...]Tem os que limpa as mesas, limpa o refeitório e isso é importante, por que às vezes o pai fala isso para o filho em casa, eles acham que isso é muito. Então ter esses momentos na escola entra como educação, melhorando assim dentro de casa. Querendo ou não, ainda existe machismo dentro de casa, achando que aqui não é serviço dele. Minha filha nos primeiros anos do projeto fez uma horta em casa, onde ela cuidava. O mais novo ainda é pequeno, não se envolve com a horta, mas contribui com os afazeres próximo de casa. Como eu não fui criado em berço de ouro, tive que trabalhar desde pequeno, eu também criou meus filhos assim, mas mesmo assim o projeto ajuda a cobrar (PAI, 2019).

A fala desse pai traz os fundamentos da Educação do Campo, que é pensar a “educação no todo”, sabendo que os momentos de convívio coletivo são também uma sala de aula. As mudanças que ele sente em casa mexem até no machismo que ainda existe, especialmente no mundo do campo. Todos contam que a auto-organização deu uma cara diferente à escola Pérola:

Com a chegada do projeto, a auto-organização ajudou muito, porque os alunos eram muito indisciplinados. Em relação à limpeza, jogavam papel em qualquer canto. A escola era cheia de papel e hoje a gente não vê mais. Antes do projeto eles não tinham esse cuidado que eles têm hoje com a vida da escola. Até as brincadeiras ficaram mais calmas. Eles não ficam mais com aquelas gritaria correndo iguais malucos. Agora eles estão mais debaixo das árvores, ficam lá nas mesas [...] Foi muito bom. São visíveis as mudanças e o projeto ajudou muito (DIRETORA, 2019).

Depois de fazer o Estágio III em outra escola, na cidade, pude notar a diferença entre uma escola “comum” e as escolas do Educampo. Na Pérola, durante o Estágio II, eu conseguia dar a aula que planejei, as salas eram sempre bem arrumadas. Ao sair, os alunos responsáveis se atentavam em cobrar os colegas para deixarem a sala limpa. Já nos estágios I e II, na cidade, não consegui desenvolver as atividades previstas pela falta de interesse por parte dos alunos. As salas de aulas eram deixadas em péssimas condições de higiene, o que me faz pensar que esse projeto poderia também ser adaptado às escolas da cidade, de acordo com a realidade deles.

Na auto-organização, é evidente o cuidado que cada aluno tem com a escola. Chama atenção o comprometimento com que são desempenhadas as atividades que são atribuídas a cada um em determinado dia, na escala das atividades, tanto por parte dos alunos como por parte dos educadores, pois os educadores também são escalados para a auto-organização. Nesta escala, o educador responsável do dia acompanha os alunos no pátio, refeitório e nas outras atividades no entorno da escola. A escala é renovada no encerramento de cada bimestre.

Outro instrumento são as visitas de estudo, que possibilitam uma vivência prática dos assuntos propostos nos Planos de Estudo. Thaise Costa descreveu a forma que a escola trabalha:

Essas temáticas são antes trabalhadas com os alunos de determinada turma/ano dentro do plano de estudo que é por sua vez precedido pelo tema gerador, e depois uma adequada pesquisa teórica realizada em sala com os alunos a partir de textos, que em seguida informa o assunto a sua família que participa desse círculo de aprendizado através de questionários básicos com perguntas: você costuma utilizar agrotóxicos nas plantações? Conhece outra maneira de combater as pragas na lavoura? Para cada tema a que se estende a pesquisa de acordo com a disciplina o componente curricular, outro questionário é construído entre o professor e os alunos, que novamente respondem com suas famílias, ao final do bimestre as oficinas são realizadas com os alunos e professores em parcerias com os órgãos, ou mesmo com visitas de estudo, e toda a turma se desloca, podendo ser esse uma indústria de polpas, frango, peixe, museu, orquidário, entre outras (COSTA, 2017, p. 30).

Durante o estágio, acompanhei a visita que foi feita na Casa de Recuperação Copiosa Redenção Monsenhor Gabriel Mercol, uma casa de apoio para mulheres dependentes químicas, que fica no distrito Bandeira Branca, em Presidente Médici. Nesta visita, pude perceber toda a discrição dos alunos em estar naquele espaço, a cautela ao fazerem as perguntas e muita atenção enquanto as mulheres que estavam internadas lá davam os depoimentos. Estavam atentos a cada fala. A diretora me contou as mudanças ocorridas:

As atividades que são desenvolvidas na escola hoje, eles estão mais tranquilos você percebe um retorno dos planos de estudos as visitas pedagógicas eles têm a responsabilidade de saber que eles têm que entregar um relatório de como foi a atividade hoje eles desenvolvem isso muito bem os questionários que tem que responder ou entrevistar alguém nas atividades que é feita então a gente consegue ver mudança sim e mais o comprometimento da parte deles. As viagens pedagógicas ajudam bastante. Eles são bem responsáveis, bem comprometidos nas atividades que são desenvolvidas fora de sala de aula. Não precisamos ficar chamando atenção de aluno, então é muito bom (DIRETORA, 2019).

Uma mãe da escola Pérola elogiou as visitas como uma forma de quebrar os preconceitos, apresentando a realidade além da sala de aula:

Ano passado mesmo eles foram visitar os índios. Uma coisa é você explicar para o aluno sobre o índio. Outra coisa é você levar o aluno na aldeia. Meu filho, como muitas crianças, via o índio como coisa de outro mundo. Quando ele teve oportunidade de ir à aldeia e viu que as pessoas que moram lá vivem como todas as outras pessoas, ele tira aquela imagem ruim de um índio viver só no meio da mata. Outro dia, os alunos foram na Rondônia Rural Show. Como a gente mora a uns 50 km da cidade, o seu filho ter a oportunidade de está indo lá conhecer as máquinas é muito gratificante. Toda vez que ele chega de uma visita pedagógica, ele está super empolgado com as coisas que ele pode conhecer. É sempre muita empolgação. Cada dia o desenvolvimento é maior (MÃE, 2019).

Essa fala mostra como o Educampo tem aumentado a possibilidade dos estudantes camponeses de conhecer outras realidades além da sua, circulando por espaços que teriam dificuldade de conhecer de outra forma. A visita ao Rondônia Rural Show mostra também que há contradições no Educampo, que afirma a identidade camponesa e incentiva a visita ao salão do agronegócio. Por um olhar mais crítico, as pessoas não conseguem notar que, com o avanço do agronegócio sobre o município, as famílias camponesas estão saindo do campo para morar na cidade, por falta de espaço no campo, devido aos grandes fazendeiros estarem tomando conta de todos os lugares, com isso, as escolas estão fechando, por falta de pessoas no campo.

Outro ponto que chama atenção no Educampo é o envolvimento das famílias. Na Escola Pérola, já era notória a contribuição das famílias e da comunidade. A diretora destacou que “o comprometimento que os pais têm é muito importante, porque quem limpa aqui o pátio são os

pais”. Segundo ela, o esforço na “formação da família” que o Educampo promove tem fortalecido a participação dos pais na escola, mas acontece de forma gradativa:

A família tem a formação da família tem as reuniões das famílias onde ocorre a entrega dos boletins evento como encerramento do projeto eles participam, infelizmente não conseguimos a participação de 100% dos pais nas reuniões, por que é difícil é impossível às vezes porque muitas vezes eles têm outros compromissos espero que um dia a gente consiga esse objetivo (DIRETORA, 2019).

Os pais da escola Pérola participam, com o olhar mais de perto, através dos instrumentos da alternância, e um desses instrumentos, que permite esse contato, é o caderno de acompanhamento, onde os alunos escrevem todas as atividades desenvolvidas, o que eles estudam na escola. E, aos finais de semana, os alunos colocam o que realizaram ao chegar à escola, então, na segunda-feira, o professor responsável<sup>23</sup> pela turma poder saber o que houve. Na fala da mãe, pode-se perceber como tem sido a parceria da família com escola,

Tem o caderno que final de semana ele relata as atividades desenvolvidas, que eles desenvolveram em casa, tem uma pasta onde é colocada suas atividades, tem um caderno de acompanhamento que nós enquanto família tem que acompanhar, tem as atividades também que a gente tem que fazer junto com os filhos. Eu e o pai dele então sentamos junto com ele para fazer (MÃE, 2019).

Na fala da mãe se pode perceber como tem sido a parceria da família com escola, o quanto tem ganhado com o fortalecimento do elo que liga o filho e a escola, que nunca deveria ter sido perdido com o tempo.

#### **4 EDUCAMPO COMO RESPEITO AOS POVOS DO CAMPO**

Ao longo da pesquisa, pude perceber que o Educampo pode ser entendido como uma iniciativa que se contrapõe à Educação Rural ou à adoção da visão urbanocêntrica na escola do campo, como discutido no verbete “Educação Rural” do Dicionário da Educação do Campo:

Ao contrário da Educação do Campo, a educação rural sempre foi instituída pelos organismos oficiais e teve como propósito a escolaridade como instrumento de adaptação do homem ao produtivismo e a idealização de um mundo do trabalho urbano, tendo sido um elemento que contribuiu ideologicamente para provocar a saída dos sujeitos do campo para se tornarem operários na cidade. A educação rural desempenhou o papel de inserir os sujeitos do campo na cultura capitalista urbana, tendo um caráter marcadamente "colonizador", tal como critica Paulo Freire (1982) (OLIVEIRA; CAMPOS, 2012, p. 240).

---

<sup>23</sup> No Educampo cada professor é responsável por uma turma, toda segundas-feiras, esse professor pega o caderno de acompanhamento da turma responsável e olha para ver se o aluno descreveu como foi o final de semana.



A Educação Rural, concepção presente e dominante na história da Educação dos povos do campo no Brasil, está contaminada por uma rejeição a estes mesmos povos, considerados como pessoas atrasadas, com pouco conhecimento. A Educação Rural se propõe a “capacitar” os educandos, e não a educá-los para se tornarem sujeitos pensantes, capazes de seu próprio pensamento. Neste modo de educação, o conhecimento que é levado para essas escolas é constituído de pacotes fechados em que os educadores não permitem abrir para outras direções, vivendo sempre naquele mesmo mundo em que foram moldados, com o mesmo modelo de conhecimento que se tem na área urbana. Mesmo que as escolas estejam no campo, o ensino é totalmente desvinculado com o cotidiano dos estudantes.

A ideia de Educação Rural é fruto de um processo histórico que vem sendo desconstruído ao longo do tempo, especialmente a partir das lutas dos povos do campo, em especial dos movimentos sociais do campo. As experiências das EFAs e mesmo do Educampo se filiam a esta longa luta pelo respeito à identidade camponesa na Educação. Nas conversas, os pais da Pérola contaram que as escolas que estudaram ensinavam que tudo que era da cidade era bom, seguindo a concepção da Educação Rural. O Educampo, segundo eles, rompe com esta lógica: “Não adianta nada seu filho ter uma realidade e trabalhar outra quem não tem nada a ver com seu cotidiano e isso é andar na contramão, e o Educampo você anda na mão”. Ao contrário da Educação Rural, o Educampo anuncia a valorização da identidade camponesa, tão invisibilizada na cultura do agronegócio, apesar da agricultura familiar ser quem alimenta a cidade.<sup>24</sup> Para alguns pais, o Educampo inverte um pouco a forma como a escola trabalha, deixando de trazer apenas as coisas da cidade, mostrando que o campo também tem valor:

O projeto está sendo bom, porque ele dá oportunidade de falar do que a gente vive. Não é dizendo que a cidade não tem qualidade, mas é do campo que vem às coisas para a cidade. Esse projeto realmente ensina o que os alunos vivem. O aluno consegue aprender porque eles vivem aquilo no seu dia-dia, com seus pais. Essa oportunidade de levar eles para as agroindústrias [...] Antes não tinha isso. Era o aluno em sala, em quatro paredes e eles falando uma história que nem aqui existe que é lá de fora, que não tem nada a ver com nossa realidade (PAI, 2019).

Esta aproximação com o cotidiano dos estudantes é justamente um dos pontos centrais para a Pedagogia da Alternância. Em um dos últimos encontros de formação que acompanhei como bolsista do projeto de extensão, o Gerente da Educação do Campo de São Mateus,

---

<sup>24</sup> De acordo com o último Censo Agropecuário, a agricultura familiar é a base da economia de 90% dos municípios brasileiros com até 20 mil habitantes. Além disso, é responsável pela renda de 40% da população economicamente ativa do País e por mais de 70% dos brasileiros ocupados no campo (IBGE, 2018). Hoje poucos dão valor a quem tanto produz.

“Chiquinho”, reforçou para os professores que a Alternância é uma forma de trabalhar uma educação diferente, com base nas vivências dos estudantes:

Nós só aprendemos porque o “saber” no latim significa “saborear” o conhecimento científico, só é transformador quando ele tem sabor. O educando só vai dar valor nas coisas quando ele tiver saboreando aquilo que está perto dele, na sua realidade. Ele só vai dar importância ao rio quando estiver estudando o rio que está próximo deles, o rio que toma banho, que pesca, assim vai facilitar a compreensão de se cuidar das nascentes (INFORMAÇÃO VERBAL).<sup>25</sup>

A Pedagogia da Alternância possibilita o jovem conhecer o mundo a partir do lugar que se está. Essa ideia é central para a concepção de educação e de escola que acompanha a Educação do Campo, ao “buscar conhecer o lugar em que se insere, e suas relações sociais e ecológicas com as questões da realidade mais ampla” (CALDART, 2017). A materialidade da escola do campo, muito ligada à vivência dos estudantes, é fruto das lutas dos movimentos sociais, que exigem da escola o reconhecimento e o fortalecimento “dos povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito” (CALDART, 2011, p. 110). Assim, a valorização da identidade camponesa não é algo sem importância dentro da concepção de Educação do Campo, mas é um posicionamento necessário na disputa dos diferentes projetos de campo colocados (FERNANDES, 2006).

Neste contexto de disputas, é de grande valor que as escolas públicas de Ji-Paraná possam colocar em prática uma proposta diferenciada de educação. Na formação que participei, Chiquinho desconstruiu uma visão muito presente em que está trabalhando na Educação do Campo. Para ele, a Pedagogia da Alternância tem o objetivo de tornar o jovem ser livre para fazer sua escolha, ao invés da ideia comum de “fixar à terra”:

A Pedagogia da Alternância é para desenvolver a liberdade criticamente, não é para fixar e nem expulsar os jovens do seu meio. Quem tem aquela ideia que a pedagogia da Alternância é para fixar[...] Essa é uma concepção histórica cristalizada. De fato quando a Pedagogia da Alternância chegou foi fortemente esse elemento, nos anos 60. Qualquer educação tem que ser para liberdade! A educação que expulsa ou deseja fixar, todas as duas são formas autoritárias de educação. Não podemos trabalhar com essas duas perspectivas. Agora trabalhando na educação a partir do que é significativo para a vida do jovem e desenvolver nele a crítica, ele vai fazer a opção dele criticamente, ou seja, eu vou ficar aqui porque eu gosto do campo, porque é importante [...] (INFORMAÇÃO VERBAL).

---

<sup>25</sup>Informação obtida em uma fala no encontro de formação dos professores, realizado na SEMED no dia 10 Maio de 2019.

Para quem vive no campo, a escola não é só lugar de escolarização, mas é também um espaço de afirmação desta identidade camponesa ao mesmo tempo em que abre os horizontes dos estudantes para o mundo que os rodeia, para que possam escolher seus caminhos:

A escola pode ser um lugar privilegiado de formação, de conhecimento e cultura, valores e identidades das crianças, jovens e adultos. Não para fechar-lhes horizontes, mas para abri-los ao mundo desde o campo, ou desde o chão em que pisam. Desde suas vivências, sua identidade, valores e culturas, abrir-se ao que há de mais humano e avançado no mundo (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p. 14).

A fala de um pai resume as impressões que tive ao longo da pesquisa. Para esse pai, o Educampo tem possibilitado a eles “contar sua história”: “é um projeto que veio para valorizar o produtor rural, o que nós tinha antes não valorizava o produtor, o Educampo conta a sua história”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs, assim como no objetivo geral, refletir como se deu o processo de construção do Educampo na Escola Pérola em Ji-Paraná. Ao longo da pesquisa, que resultou neste artigo, foi possível conhecer e participar diretamente desta pedagogia de ensino. A escrita deste trabalho se pautou em uma pesquisa de campo em que pude acompanhar de perto, tanto como bolsista do projeto de extensão, quanto como estagiária na escola Pérola, os processos de construção do Educampo nesta escola.

Hoje, conhecendo o Educampo e olhando para minha vida escolar, percebo o quanto me fez falta ter uma educação voltada para minha realidade. Desde o período em que estudava, o êxodo rural já vinha acontecendo, só que não havia ainda essa percepção. Quando iniciei a quinta série, éramos em vinte e três alunos em sala, mas ao terminar o terceiro ano, nesta mesma escola, éramos sete alunos. O ensino nunca foi de qualidade, específico para as pessoas que moravam no campo e tiravam o sustento de toda a família de lá. Desde pequena, os meus pais me levavam para a roça, ensinavam como arrancar um pé de feijão, ensinavam as coisas que todos os camponeses **sabem** e que, grande parte das vezes, as escolas desvalorizam. Além de não trabalharem esse conhecimento, levam para a criança a concepção de que as coisas boas estão na cidade. Mas, na escola, eu apenas estudava, e este estudo nada tinha a ver com o trabalho que o camponês desenvolve com a terra.

Neste percurso, entendo que a falta de políticas públicas específicas para o campo torna cada vez mais difícil concretizar as demandas da educação camponesa. Vem fazendo a

diferença o Educampo, iniciativa da Prefeitura de Ji-Paraná, que vem ganhando destaque nos espaços de implementação. Sua concepção de educação é baseada na realidade local e traz a proposta de que o conhecimento é produzido mesmo fora de sala de aula, em qualquer lugar e a todo momento, desde uma louça lavada, uma visita educativa ou através da organização de uma sala.

As observações que já fiz até agora indicam que o Educampo se inspira e dialoga com a concepção de Educação do Campo que defendemos como emancipadora, diferente daquela que conheci quando era criança e aprendia na escola que tudo que era bom vinha da cidade, sem conhecer o valor do campo. O Projeto Educampo tem se constituído em uma alternativa concreta ao fechamento das escolas do campo em Ji-Paraná. Como qualquer política pública, precisa ser acompanhada e avaliada, e também melhorada. Mas não é só uma política pública de educação, isolada. Ao oferecer educação *do* campo e *no* campo, pública e de qualidade, o Educampo também fortalece a agricultura familiar e camponesa na “*capital do agronegócio*”.

## LA CONSTRUCCIÓN DE EDUCAMPO EN LA ESCUELA PÉROLA EN JI-PARANÁ, RONDONIA

### RESUMEN

Este artículo analiza el proceso de construcción de Educampo en la Escuela Pérola en Ji-Paraná, Rondônia, una de las escuelas piloto de este proyecto que tiene como objetivo insertar la Pedagogía de Alternancia en las escuelas del sistema escolar municipal, rompiendo con la tradición de la Educación Rural. La investigación llevada a cabo tuvo como objetivo elaborar una historia de Educampo, prestando atención al caso de la escuela Pérola, buscando conocer la percepción de la comunidad escolar sobre el proceso de construcción de esta nueva propuesta pedagógica, incluidas las implicaciones para la vida de las familias campesinas en los alrededores. Fue realizada una investigación cualitativa, guiada por la observación participante, con el seguimiento de actividades vinculadas a Educampo, a la realización de entrevistas semiestructuradas con diversos sujetos involucrados en la construcción de Educampo en la escuela Pérola. También se realizó una investigación documental para rastrear el curso histórico de Educampo. El artículo presenta un balance de las observaciones realizadas a lo largo de la investigación, lo que permitió conocer más de cerca los desafíos implicados en una propuesta pedagógica que se inspira y dialoga con la concepción de Educación Rural que defendemos, siendo una política pública que se caracteriza como una alternativa concreta para no cerrar las escuelas de campo.

**Palabras clave:** Pedagogía de la Alternancia. Educación del Campo. Escuelas del Campo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, M. G. A escola do campo e a pesquisa do campo: metas. In: MOLINA, M. (Org.). **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p.103-166.
- ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- BRANDÃO, C. R. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo**. Sociedade e cultura, v. 10, n. 1, p. 11-27, jan./jun. 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Ministério do Desenvolvimento e Reforma Agrária. Decreto Nº 7.352 de 4 de novembro de 2010. **Dispõe sobre a Política de educação do campo e o programa nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA**. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm). Acesso em: agosto de 2019.
- CALDART, Roseli Salete. **A escola do campo em movimento**. In: Por uma educação do campo. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli S. *et al* (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- COSTA, Thaise Ferreira dos Santos. **Conhecendo o projeto Educampo: Uma realidade no município de Ji-Paraná/RO**. 2017. 61 f. Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná, Ji-Paraná, 2017.
- CUSTÓDIO. **Entrevista com Leiva Custódio realizada por Maria Dayane Vilarim Felipe**. 2019.
- DIRETORA. **Entrevista com diretora realizada por Maria Dayane Vilarim Felipe**. 2019.
- EBERSON. **Entrevista com Renato Eberson realizada por Maria Dayane Vilarim Felipe**. 2019.
- EDUCADORA 1. **Entrevista com educadora realizada por Maria Dayane Vilarim Felipe**. 2019.
- ESCOLAS OFICIALIZAM adesão ao projeto. **Semedjipa**. 16 de fevereiro de 2016. Disponível em: <http://semeljipa.blogspot.com/2016/02/escola-oficializam-adesao-ao-projeto.html> Acesso em: 13 de março de 2019.
- FERNANDES, B. M. Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias sociais. In: MOLINA, M. (Org.). **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p.27-39.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação: ensaios** / 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23)

GERMANO, Marcilei Serafim. **Educação com mediação tecnológica – EMMTEC: reestruturação à mercantilização do ensino médio em Rondônia**. 2017. 217 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências da Educação, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, 2017.

IBGE. **Censo agropecuário 2017: resultados preliminares**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

INEP. **Censo Escolar da Educação Básica 2013: resumo técnico**. Brasília, DF: INEP, 2014.

MÃE. **Entrevista com mãe realizada por Maria Dayane Vilarim Felipe**. Ouro Preto do Oeste/RO, VI Seminário de Educação do Campo de Ji-Paraná, 19 de outubro de 2018.

MOLINA, M. (Org.). **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p.27-39.

OLIVEIRA, L. M.; CAMPOS, M. Educação Rural. In: CALDART, Roseli S. *et al* (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

PAI. **Entrevista com pai realizada por Maria Dayane Vilarim Felipe**. 2019.

PEREIRA, Janete de Araújo *et al*. **Projeto educampo: uma experiência na formação de educadoras e educadores e da compreensão da identidade camponesa na rede municipal de ensino em Ji-Paraná/RO**. CONGRESSO INTERINSTITUCIONAL BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO POPULAR E DO CAMPO. Universidade Federal de Goiás/DF. 2017. Disponível em: <http://congressos.sistemasph.com.br/index.php/cibepoc/cibepoc2017>. Acesso em 22 abr. 2018.

POSSAMAI, Alex . Ensino Médio com Mediação Tecnológica em Rondônia - EMMTEC: um estudo sob a ótica dos princípios constitucionais da educação. In: **OLHARES E FAZERES DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA REINVENÇÃO DO DIREITO: a experiência da Turma Elizabeth Teixeira - UEFS, 2018, Feira de Santana. Anais do Seminário Olhares e Fazer dos Movimentos Sociais na Reinvenção do Direito: a experiência da Turma Elizabeth Teixeira - UEFS, 2018. p. 11-11.**

PREFEITURA MUNICIPAL DE JI-PARANÁ. **Lei Nº 2957 de 30/06/2016**. Implanta o projeto Educampo com a metodologia da pedagogia da alternância nas escolas do campo da Rede Municipal.

SEMED promove II Seminário de Educação do Campo. **Semedjipa**. 21 de Agosto de 2014. Disponível em: <http://semedjipa.blogspot.com/2014/08/semed-promove-ii-seminario-de-educacao.html> Acesso em: 13 de março de 2019.

SOUZA, M. M. **Imperialismo e Educação do Campo: Uma análise das políticas educacionais a partir de 1990**. 2010. 405 f. Tese. (Doutorado em Educação Escolar) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Araraquara, 2010.